

# O PAPEL DA IDEOLOGIA JUCHE NA CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO REGIME NORTE-COREANO E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DURANTE O GOVERNO DE KIM IL SUNG (1948-1994)

*Marília Domingues de Oliveira<sup>1</sup>*

## RESUMO

A Coreia do Norte (oficialmente República Popular Democrática da Coreia), fundada oficialmente em 1948 e desde então governada por Kim Il Sung (1948-1994), Kim Jong Il (1994-2011) e Kim Jong Un (2011-atualidade), se caracteriza por ser o Estado mais isolado e fechado existente no século XXI. Para os fins acadêmico-científicos deste artigo, a Coreia do Norte será analisada sob diversas perspectivas e com muita cautela, objetivando a melhor compreensão de sua história, cultura, e situação atual. No presente estudo, portanto, dividiremos a discussão em 3 partes, sendo eles: (1) Totalitarismo e comunismo: Definições, (2) Aspectos históricos da península coreana, e (3) Sobre a ideologia Juche. Ao fim deste artigo, teremos um breve conhecimento da discussão em torno da ideologia Juche para melhor compreensão de seu papel para a formação da Coreia do Norte que “conhecemos” nos dias de hoje.

**Palavras chave:** Coreia do Norte; Juche; Kim Il Sung.

## ABSTRACT

North Korea (officially the Democratic People's Republic of Korea), officially founded in 1948 and governed since then by Kim Il Sung (1948-1994), Kim Jong Il (1994-2011) and Kim Jong Un (2011-present), is characterized by being the most isolated and closed state in the 21<sup>st</sup> century. For academic-scientific purposes, the purpose of this article, we will divide this discussion into 3 parts, being them: (1) Totalitarianism and Communism: Definitions, (2) Historical aspects of the Korean peninsula, and (3) On the Juche Idea. At the end of this study, we will have a brief knowledge, therefore, of the discussion around the Juche Idea to better understand its role on the formation of the North Korea that we “know” these days.

**Keywords:** North Korea, Juche; Kim Il Sung.

## 1. Introdução

A Coreia do Norte (oficialmente República Popular Democrática da Coreia), fundada oficialmente em 1948 e desde então governada por Kim Il Sung (1948-1994), Kim Jong Il (1994-2011) e Kim Jong Un (2011-atualidade), se caracteriza por ser o Estado mais isolado e fechado existente no século XXI. Localizado ao norte da península coreana, na Ásia, constitui um regime unipartidário

---

<sup>1</sup> Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Marília.



guiado pela ideologia Juche, criada e aperfeiçoada por Kim Il Sung e Kim Jong Il. O país hoje possui em torno de 23 milhões de habitantes e uma geografia montanhosa, com pouco espaço para a agricultura. Sob vários aspectos, estamos diante de uma incógnita no sistema internacional. Sua realidade é quase que desconhecida, pois há grande carência de estudos sobre o país em todos os aspectos, especialmente quando se trata da academia ocidental. Quando estudamos a Coreia do Norte, nos surpreendemos com diversas questões relacionadas à política, economia e sociedade, na medida em que esse país possui características muito peculiares e de difícil compreensão. Por se auto-intitular um regime comunista “guiado pela ideologia Juche”, é muito comum a intensa hostilidade por parte da mídia ao tratar do país, levando à construção de uma imagem totalmente distorcida do regime. Todos os dias, vemos manchetes um tanto quanto sensacionalistas relacionadas ao país e, poucas vezes, uma análise concisa efetivamente.

Não podemos, todavia, ser maniqueístas e nos manter na dicotomia clássica das proposições (1) “A Coreia do Norte é um país socialista perfeito”, ou (2) “Trata-se de uma ditadura sanguinária”. Como veremos adiante, a história do povo coreano é complexa e data de ao menos 5.000 anos, englobando influências confucionistas, maoístas, marxistas, nacionalistas e totalitárias. Dessa forma, trata-se de um regime de grande peculiaridade que não pode ser reduzido nem ao totalitarismo e nem ao comunismo (como geralmente ocorre). Para os fins acadêmico-científicos, propósito deste artigo, a Coreia do Norte deve ser analisada sob diversas perspectivas e com muita cautela, objetivando a melhor compreensão de sua história, cultura, e situação atual. No presente estudo, dividiremos a discussão em 03 capítulos, sendo eles: (1) Totalitarismo e comunismo: Definições, (2) Aspectos históricos da península coreana, e (3) Sobre a ideologia Juche.

## **2. Totalitarismo e comunismo: definições**

Ao longo da história da humanidade, pode-se identificar diversos tipos de sistemas autoritários de governo que, muitas vezes, são confundidos com o totalitarismo. Vamos às diferenças do autoritarismo em relação ao totalitarismo. O



governo autoritário se concentra no exercício de poder de um líder ou de um grupo de mesmo interesse, sendo um regime não-democrático que pode ser exercido de diversas formas. A primeira diferença fundamental, evidenciada por Ebenstein em sua obra *Totalitarismo*, em 1962, é a questão qualitativa e quantitativa do controle das liberdades individuais em ambos os tipos de regimes. Para ele, o totalitarismo “alivia o homem do peso da responsabilidade, e concede-lhe pouca liberdade de expressão própria”, enquanto o autoritarismo “nega aos seus súditos a liberdade e responsabilidade de ação e escolha política, embora ainda permita alguma liberdade e expressão em assuntos apolíticos” (EBENSTEIN, 1967, p. 28). O totalitarismo é o extremo da limitação das liberdades individuais, pois o movimento não penetra única e exclusivamente na esfera política como em diversos regimes autoritários, mas procura submeter o homem por completo, em todas as esferas possíveis da vida privada e pública do indivíduo. Também, para Arendt, a ideia de domínio totalitária é a “dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida” (ARENDR, 1989, p. 375). No regime totalitário, não basta apenas a subjugação política do indivíduo, mas todos os laços apolíticos também devem ser cortados, destruindo a autonomia de qualquer tipo de atividade apolítica mesmo que essa nem sequer tenha relação com algum tipo de oposição ao regime. Em suma, o indivíduo é reduzido a um número. Outra diferença crucial que deve ser ressaltada entre ambos os tipos de sistemas de governo é a questão dos fins e meios. Um dos fins do totalitarismo, como evidenciado acima, é a dominação completa de todos os aspectos da vida individual, seja ele político ou apolítico, enquanto o governo autoritário se limita às questões que possam ser uma ameaça ao poder do regime por parte do indivíduo e da sociedade como um todo.

Entre as principais características do totalitarismo, portanto, podemos citar: (a) uma ideologia que mova absolutamente todas as atividades da sociedade e do governo; (b) um partido único dirigido por um líder carismático, frequentemente cultuado e venerado; (c) um sistema de propaganda e terror para a maior subjugação possível dos indivíduos em todas as esferas de sua vida pública e privada.



A ideologia é aquela única permitida, que dita todas as “verdades absolutas”, e que é interpretada (e reinterpretada, quando necessário) pelo dirigente político, sendo a última palavra a do líder, pois ele possui a autoridade de interpretação da doutrina (motivo pelo qual tais regimes são muitas vezes chamados de *ideocracia*). O partido é uma das autoridades máximas do movimento, é a organização de escalão mais alto, é quem dita as regras através de seu líder, e tem por função se utilizar de todo e qualquer meio para atingir os fins totalitários. É o partido que assegura a realidade fictícia criada dentro do regime em face das pressões externas, e “nutre a apaixonada e inabalável fé na ideologia e está disposta a qualquer atividade para propagá-la e atuá-la” (STOPINO, 1992, p. 1.249).

Para que a sociedade de massas se submeta ao movimento totalitário, é necessário o método da propaganda para conquistá-las. A sua relação com as recentes tecnologias explicam em parte porque o totalitarismo não poderia existir em outras épocas: o uso da rádio e TV torna a informação acessível para aqueles que não são alfabetizados, em detrimento de jornais e revistas, tornando a propaganda e a manipulação mais abrangentes. A ilusão da massa de estar participando de alguma decisão política, o que antes nunca havia ocorrido, é propagada pelo partido através desse “incentivo” à voz do povo (ainda apenas quando está em concordância com o movimento), e junta-se à ideia de um inimigo em comum a ser combatido para a sobrevivência do “povo”. Se a propaganda falha (ou às vezes mesmo se obtém sucesso), outros meios de atingir seus fins se revelam, e apenas confirmam o fato de que o partido não mede limites para atingir seus objetivos. Aqui falamos dos expurgos, deportações, campos de trabalho forçado e centros de extermínios ali presentes, além do uso da polícia secreta. Em um primeiro momento, deve-se eliminar os inimigos expressos do regime, mas, após esse primeiro estágio, quando tudo é feito secretamente, chega-se a um ponto de aleatoriedade de alvos, visto que nem sempre os inimigos objetivos do regime realmente apresentam algum tipo de ameaça ao movimento, e isso acaba levando as pessoas a suspeitarem cada vez umas das outras para não serem suspeitadas.

O totalitarismo, portanto, é um novo fenômeno histórico ocorrido pioneiramente no século XX, possuindo diversas características acima explicitadas





que o diferem de regimes autoritários da antiguidade e início da era moderna, e que não poderia existir sem estar atrelado a diversos fatores contemporâneos, como a tecnologia e a cultura de massa do século XX. Ao contrário do que muitos alegam, não é exclusivamente de cunho fascista, podendo igualmente ocorrer, embora cada caso com suas particularidades, em regimes comunistas (no sentido real, muitas vezes não previsto teoricamente), como iremos explicitar no próximo ponto.

Em relação ao comunismo, a ideia em si é muito antiga: podemos resgatar desde ditos de Platão na antiguidade, passando por Thomas More e sua ilha de Utopia, assim como os ditos de Tommaso Campanella no século XVI, até o próprio marxismo no século XIX. Salvo suas devidas diferenças e peculiaridades, todos possuem um ideal em comum: a visão do homem livre da propriedade privada dentro de uma sociedade comunitária. A vertente mais clássica e de maior relevância para a história do comunismo é aquela proferida por Marx e Engels em suas obras, como o *Manifesto Comunista*. Em tal obra, os comunistas fazem uma análise objetiva do desenvolvimento do capitalismo burguês após a queda do modo de produção feudalista, tendo a burguesia como uma nova classe que necessita sempre revolucionar seus métodos de produção, influenciando nas relações sociais: ou seja, para Marx e Engels, o modo de produção seria a “estrutura” e as relações sociais diversas seriam advindas deste, chamadas de “superestrutura”. Tais relações de produção são o pilar de existência da burguesia e de seu domínio político, econômico e social e, na medida em que falham em revolucionar-se, temos as crises de superprodução.

Para Marx e Engels, a história da humanidade é a história da luta de classes – quadro teórico em que, em tese, a classe proletária, subjugada, está em constante batalha com a classe dominante –, a qual é intensificada no capitalismo burguês, que, ao atingir seu cume, sua forma mais desenvolvida – o que não foi exatamente o caso da Coreia do Norte, como veremos posteriormente –, emerge a revolução para o advento do comunismo. Em tal organização social, as classes desapareceriam e, junto a elas, o caráter opressor do poder público também. Segundo Marx e Engels, tais concepções comunistas não seriam senão “apenas a expressão geral das



condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob os nossos olhos” (MARX & ENGELS, 1999, p. 29).

Todavia, as obras de Marx e Engels, devido ao seu contexto histórico, deixaram algumas questões a serem resolvidas por aqueles que desejavam efetivamente aplicá-las na realidade. Dessa forma, temos diversas outras interpretações teórico-práticas de seus princípios gerais, como o leninismo e posteriormente o stalinismo, na União Soviética, durante a Guerra Fria. Na prática, podemos observar que houve uma certa “impaciência” por parte dos líderes em seguir os ideais marxistas da revolução do proletariado, e acabaram por acelerar um desenvolvimento capitalista dentro de uma sociedades de fortes características ainda tradicionais (via de regra, agrárias e, por vezes, feudais), o que acabou gerando inúmeras contradições dentre os regimes.

### **3. Aspectos históricos da península coreana**

A Coreia do Norte possui um regime unipartidário que se baseia na ideologia “Juche”, a qual é interpretada erroneamente por ser apenas uma vertente do marxismo-leninismo, adaptada para a realidade coreana quando, na verdade, vai muito além disso. Tal ideologia prega a autossuficiência do país em todos os aspectos (político, econômico, social), regendo, desde 1970, o Partido dos Trabalhadores da Coreia do Norte. Iremos tratá-la com maior profundidade no capítulo 3.

Dessa forma, a Coreia do Norte seria um país de extremo isolamento, possuindo negócios e relações exteriores praticamente muito limitadas – especialmente após a primeira crise nuclear nos anos 1990, que levou a um embargo econômico por parte do Conselho de Segurança da ONU –, e mantendo relações diplomáticas e econômicas fortes apenas com a China – as quais, por sinal, vem sendo abaladas nos últimos anos após a China condenar os planos nucleares norte-coreanos em reuniões do Conselho de Segurança da ONU – e mantendo tensões com a Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos.



Podemos observar, historicamente, grande tensão estratégica e geográfica da península coreana e, por consequência, influenciando o povo coreano. Durante o século XIV, a península já lidava com a invasão mongol na região cujo fim resulta na emergência da dinastia Joseon, a mais longa da história da península, durando até o ano 1897. Apesar de certa independência da península durante tal dinastia, esta se caracterizava como um “estado tributário” da China, pagando tributos simbólicos e fortalecendo as alianças com a dinastia Ming, fruto do temor de invasões japonesas, manchus e mongóis (VISENTINI, 2015, p.30). Muito mais tarde, em 1910, após uma longa “competição” entre a Rússia e o Japão pelo território coreano, os japoneses anexam a península coreana ao seu império, mantendo a dominação até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Durante a dominação japonesa, a Coreia chegou a ter até mesmo um crescimento maior do que o próprio Japão durante alguns anos, expandindo a produção agrícola ao sul, graças a novas tecnologias implantadas pelos japoneses. Além disso, ao norte, investiu-se na indústria pesada para fornecer bens de capital para a defesa japonesa. Concomitante ao desenvolvimento econômico, aproximadamente 50 mil coreanos foram presos pela polícia imperial em 1912, e 140 mil em 1918. Apesar disso, segundo Cumings, a parcela de coreanos na polícia imperial poderia variar de 40% a 50% dependendo do ano (2005, s/p). Sendo assim, ao mesmo tempo que trouxe a industrialização e modernização à península, a dominação japonesa se tratou também de um sistema extremamente repressor – por exemplo, o racismo contra os coreanos foi legalizado em seu próprio país (CUMINGS, 2005, s/p) –, estruturando o país inteiramente em benefício da metrópole.

Maiores movimentos independentistas eclodiram a partir da década de 1920, criando a polarização político-ideológica dos movimentos socialistas *versus* liberais-nacionalistas, estruturando-se até mesmo em perspectiva geográfica: ao norte, por conta da fronteira com a China e a União Soviética (e também por sua marginalização econômica e política durante séculos), observava-se terreno fértil ao desenvolvimento do comunismo; enquanto, ao sul, havia mais adeptos das ideias



liberais-nacionalistas pautadas nos Quatorze Pontos do presidente Woodrow Wilson (VISENTINI, 2015, p. 37).

Em 1925, há a criação oficial do Partido Comunista da Coreia (PCC), concomitantemente ao Governo Provisório da Coreia (GPC), fundado em Xangai pelos nacionalistas, o qual foi dissolvido após a rendição japonesa no fim da Segunda Guerra Mundial (VISENTINI, 2015, p. 37). Três anos depois, em 1928, o PCC é dissolvido após diversas disputas dentro do partido. Kim Il Sung, membro do partido, criticava as vertentes marxistas-leninistas e, em 1926, cria a União para Derrotar o Imperialismo (UDI). Posteriormente, a UDI se converte na União da Juventude Anti-imperialista e, em 1927, também fundada por Kim Il Sung, estrutura-se a União da Juventude Comunista da Coreia (UJCC) (CENTRO DE ESTUDOS DA IDEIA JUCHE, 2015, p. 25). É nesse contexto que há a criação de uma identidade comunista de dimensão nacionalista na península coreana e, posteriormente, a criação oficial da ideologia Juche, por Kim Il Sung, a qual será explicada mais adiante. A resistência aos japoneses é um dos fatores mais legitimadores da política atual executada na Coreia do Norte, pois estes atribuem a essa resistência toda a origem da ideologia, exército e liderança do país (CUMINGS, 2005, s/p).

Foi em 1946 que se iniciou todo o processo explícito de construção de um regime comunista na Coreia do Norte. Foi eliminada toda a oposição política, não se importando em utilizar de violência para fins políticos: qualquer adversário, qualquer proprietário de terras ou opositor à reforma agrária promovida pelo partido ou suspeito de espionagem e traição seria perseguido. Estima-se que, entre 1945 e 1951, aproximadamente 1.2 milhões de pessoas tenham fugido para o sul, onde, infelizmente, a repressão não seria diferente (LANKOV, 2013, p. 8).

Deixando de lado toda a repressão e perseguição, durante esse período a Coreia do Norte promoveu uma grande reforma agrária para superar sua deficiência agrícola, além de estabelecer uma economia baseada em planos de longo e curto prazo, determinando metas e preços. Também nacionalizou as grandes indústrias já existentes no país, pois 90% eram japonesas (VISENTINI, 2015, pp. 60-61). Em





termos sociais, a sociedade norte-coreana foi educada de acordo com os preceitos presentes na ideologia Juche e com a visão de mundo que Kim Il Sung queria que os norte-coreanos tivessem, como uma estratégia de “proteção” à ameaça capitalista. Nos dias de hoje, podemos ver inúmeros mecanismos de isolamento visando a autodefesa da soberania nacional do país.

O isolamento e segurança cibernética são apenas algumas das medidas jucheanas para a autossuficiência do país. Após o colapso da União Soviética e o alinhamento chinês com reformas econômicas e sua aproximação com os Estados Unidos, a fome na Coreia do Norte vem se tornando um dos maiores problemas do país, e o próprio governo norte-coreano reconhece isso através de um estudo feito sobre 4.200 crianças do país, das quais 17% sofriam de subnutrição. Não há números exatos de mortos pela fome no país, mas segundo a World Vision, o número pode chegar a dois milhões (RIGOULOT, 2015, p. 286).

Com a morte de Kim Il Sung, em 1994, Kim Jong Il, que já havia sido apontado sucessor oficial de seu pai, assume o governo. A sociedade norte-coreana se encontrava desolada com a morte de seu líder, e Kim Jong Il não possuía tanto carisma como o seu pai, sendo forçado a lograr mudanças e certas “aberturas” e estratégias na política norte-coreana, como a introdução do princípio *Songun*, que colocava como máxima a importância do exército para atingir a autossuficiência.

#### **4. Sobre a ideologia Juche**

O principal princípio filosófico jucheano, o qual guia todo o resto da ideologia, é o antropocentrismo voluntarista, ou seja, a crença de que o homem é dono de tudo e decide tudo. O homem, como ser social, desempenha papel decisivo na transformação da sociedade e de seu próprio destino. Kim Il Sung afirmou que o homem é um ser social que, ao longo da história, desenvolveu três características peculiares, de suma importância para atingir seus objetivos: (1) a independência, (2) o espírito criador e (3) a consciência. A independência significa possuir uma vida social e política juntamente com a física; o espírito criador é o atributo que permite



ao homem transformar o mundo a seu favor; a consciência é o que determina a totalidade de suas atividades para a transformação da sociedade a seu favor.

Dessa forma, com as três características combinadas, o homem é reconhecido como um ser superior e racional, que deve assumir uma postura revolucionária e transformadora (KIM, 2016, pp. 28-29). Como explicitado anteriormente, tal princípio difere da concepção marxista de que o homem é produto do meio material, dando intenso enfoque ao papel das ações do homem na sociedade e na revolução proposta.

O Juche preza pela completa independência política, ou seja, a aplicação de estratégias que preservem a soberania e interesses nacionais acima de tudo, baseando-se em suas próprias forças (econômicas e militares). Segundo Kim Jong Il (2016, p. 54), “para assegurar a independência política é preciso estabelecer o poder popular”, pois, para sua emancipação, o povo deve ser “dono do poder”. Dessa forma, o partido político tem grande importância como força revolucionária, pois “conquista a unidade e coesão de todo o povo, baseadas na aliança operário-camponesa” em torno do líder, como uma só força política, capaz de definir e aplicar efetivamente sua independência, sem pressão externa.

Em termos econômicos, a visão jucheana toma como base para a consolidação da soberania do país a autossuficiência na economia. Sem que haja uma economia autárquica e autossuficiente, não há independência política e militar. Isso significa que deve-se sustentar a economia sobre suas próprias bases, sem depender de ajuda alheia, com o desenvolvimento apoiado em seus recursos humanos e naturais. Apenas com esse modelo é que pode haver pleno aproveitamento de ambos de maneira racional. Na esfera do comércio internacional, para Kim, “pode-se exercer plenamente a soberania e igualdade no aspecto econômico”, apesar de que a construção de uma economia autossuficiente é um problema quando se trata de um país “dominado pelas forças imperialistas”. Dessa forma, o modelo econômico jucheano é o ideal para “rechaçar a política neocolonialista e libertar-se por completo de sua exploração” (KIM, 2016, pp. 56-57).



Seguindo a lógica jucheana, o país que não possui forças armadas com plena capacidade defensiva em prontidão, não é completamente soberano e independente. O exército ideal seria um exército de quadros moderno, mas o componente principal não está na tecnologia ou armamento, mas sim “no alto fervor político e o espírito de abnegação revolucionária do exército e das massas populares, conscientes da justiça de sua causa” (KIM, 2016, p. 62). Ou seja, novamente a ideologia demonstra ter um papel crucial no plano militar norte-coreano.

Tal questão se faz muito clara quando observamos a política *Songun*, que segue a lógica da priorização da linha militar, englobando todos os setores da população para a formação de um exército “genuinamente popular”. As forças armadas da Coreia do Norte, nos dias de hoje, possui mais de 5 milhões de paramilitares, sem contar as mulheres, representando aproximadamente 25% da população em 2008. Há quase 2 milhões de soldados ativos em serviço, sendo obrigatório para todos os cidadãos a partir dos 17 anos (CENTRAL BUREAU OF STATISTICS, 2009).

Por mais elevado que seja o nível das forças produtivas e do exército, a sociedade ideal só estará consolidada na medida em que o povo tenha clareza teórica e prática da ideologia. Para Kim, a transformação do homem é a superação ideológica, pois esta determina o valor e as qualidades do homem, sendo fator decisivo para atingir os objetivos da revolução. Kim ressalta a dificuldade em elevar o nível cultural para melhorar a consciência ideológica, sendo uma tarefa complexa e duradoura.

Para ele, é preciso “combater a penetração de ideias e cultura reacionárias dos imperialistas e, ao mesmo tempo, seguir impulsionando a revolução ideológica com o propósito de limpar a mentalidade das pessoas dos requícios das velhas ideologias” (KIM, 2016, p. 71).

É por essa razão que VISENTINI (2015, p. 189) argumenta que a opacidade do regime e a segurança cibernética são mecanismos de defesa plenamente racionais, visto que se trata de uma medida jucheana para garantir a independência



política da Coreia do Norte em relação ao intervencionismo estrangeiro. Quando se há plena consciência ideológica, o povo está disposto a ser fiel ao partido e ao líder, mantendo “o espírito e a integridade revolucionários”. Em outras palavras, o Juche prevê a necessidade do estudo da ideologia como prioridade.

Apesar de ser considerado originalmente como uma vertente do marxismo-leninismo, é importante ressaltar que, o Juche, ao longo dos anos, o Juche foi se distanciando cada vez mais dos pensamentos de Marx e Lênin. Kim Jong Il, ao escrever sobre o Juche, parte de uma filosofia antropocentrismo-voluntarista, tendo o homem como aquele que é “dono de tudo e decide tudo” e partindo do pressuposto de que “a independência, o espírito criador e a consciência são propriedades que somente são inerentes ao homem enquanto ser social” (KIM, 2016, pp. 27-28).

Para Kim, o meio material exerce fortes influências sobre as atividades do homem, porém este não as obedece passivamente, pois reforma tudo aquilo que não corresponde suas exigências, sempre inovando e moldando o ambiente a seu favor. Kim considera a esfera do ser social como aquela que possui suas leis próprias, as leis do movimento dos seres humanos, separadamente das leis e movimentos do mundo material. Isso não significa que ele descarta a importância do materialismo histórico, mas sim, o usa como premissa.

## **5. Considerações finais**

Quando observada na prática, a ideologia Juche possui claras contradições em todos os âmbitos que permeia, seja ele político, social ou econômico. A ideia de isolamento e autossuficiência em meio a um sistema internacional capitalista interdependente soa impossível, e podemos observar diversas dificuldades em manter tal posicionamento por parte da Coreia do Norte não apenas durante o regime de Kim Il Sung, mas principalmente nos dias de hoje.

É muito clara a visão jucheana de conferir o poder político efetivo às massas, pois elas são “o movimento da história” e a elas confere o poder da mudança através de sua consciência, espírito criador e independência. Mas o poder político





na Coreia do Norte, na verdade, é extremamente burocratizado: a população tem uma parcela de participação na medida em que há diversos tipos de sociedade nas quais podem filiar-se, como por exemplo os Comitês Populares (*Inminban*), responsáveis pelas sessões de crítica e autocrítica e controle de viagens domésticas (LANKOV, 2013, p. 38). Apesar disso, a decisão política final é efetivamente a do partido e do líder.

É importante ressaltar, também, que a concepção de liberdade jucheana parte de um ideal de emancipação coletiva da nação, diferindo da visão liberalista. Apesar disso, não deixa de ser uma contradição o fato de se visar a igualdade quando, por exemplo, sabe-se que o nível de desenvolvimento de Pyongyang difere muito do interior do país, especialmente nas regiões próximas à Manchúria. O sistema de castas (*Songbun*), anteriormente explicado, também é outro exemplo da contradição social norte-coreana, na medida em que separa as pessoas de acordo com seus ancestrais para mensurar a fidelidade ao regime.

Dessa forma, podemos observar que a ideologia Juche construiu a Coreia do Norte através de sua perspectiva anti-imperialista, antropocentrista e nacionalista, moldando o país em todos os âmbitos de acordo com aquilo que acredita-se ser o ideal para os norte-coreanos. Sua influência não abrange apenas a política, mas sim, flui por dentro da sociedade como um todo, permeando até mesmo a individualidade do norte-coreano comum.

Ao analisarmos o conceito de totalitarismo explicitado no primeiro capítulo, vindo de autores como Hannah Arendt, diversas características são inteiramente compatíveis com o regime norte-coreano. A dominação nas esferas apolíticas da vida individual, extermínio de partes das burocracias, a propaganda psicológica e o terror policial, etc. são apenas algumas das características compatíveis com a realidade norte-coreana durante o regime de Kim Il Sung e, de certa forma, persistem até os dias de hoje. Ao estudarmos a história da península coreana, pudemos notar que há razões claras para o desenvolvimento de uma ideologia tão peculiar como o Juche, partindo de um povo que por séculos sofreu tensões geopolíticas por toda a sua história.



Ainda há muito o que se estudar sobre a Coreia do Norte, grande incógnita do século XXI. É preciso compreender aspectos econômicos, políticos e sociais desse regime, mas, acima de tudo, os aspectos ideológicos. Estamos diante de um fenômeno único em nosso tempo: a “resistência” de um pequeno país na Ásia a todo um sistema internacional formado e consolidado pelo sistema capitalista, sendo de difícil compreensão especialmente para o Ocidente, e exigindo bastante cautela nas análises e estudos.

## 6. Referências Bibliográficas

ABREU, Marcelo de Paiva. **Viva o grande líder! Um repórter brasileiro na Coreia do Norte**. São Paulo: Geração, 2002. (235 p.)

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. (562 p.)

CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. **D. P. R. Korea 2008 Population Census National Report**. Pyongyang, 2008. Disponível em: <[http://unstats.un.org/unsd/demographic/sources/census/wphc/North\\_Korea/Final%20national%20census%20report.pdf](http://unstats.un.org/unsd/demographic/sources/census/wphc/North_Korea/Final%20national%20census%20report.pdf)> Acesso em: 22 dez. 2016.

CENTRO DE ESTUDOS DA IDEOLOGIA JUCHE. **Mundo Socialista: Coreia Popular**. São Paulo: Edições NOVA CULTURA, 2015.

CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**. New York, W.W. NORTON & COMPANY, 2005.

EBENSTEIN, William. **Totalitarismo – Novas perspectivas**. Trad. Walter Pinto. Rio de Janeiro: Bloch, 1967. (97 p.)

KIM, Jong Il. **Sobre a Ideia Juche**. São Paulo: Edições NOVA CULTURA, 2016.

KIM, Jong Il. **A Filosofia Juche é uma Filosofia Original e Revolucionária**. São Paulo: Edições NOVA CULTURA, 2016.



LANKOV, Andrei Nikolaevich. **The real North Korea**: Life and politics in the failed Stalinist utopia. Oxford: Oxford University Press, 2013. (283 p.)

RIGOULOT, Pierre. "Crimes, terror e segredo na Coreia do Norte". In: COURTOIS, Stephane et al. **O livro negro do comunismo – Crimes, terror e repressão**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, pp. 277-287.

VISENTINI, Paulo Fagundes et al. **A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche**. São Paulo: Unesp, 2015. (196 p.)

